

Sobre o fal(h)ar: cultura digital, precariedade e Antropoceno¹

André Lemos²

Resumo: O artigo explora a precariedade da comunicação e a ruína tecnológica na era do Antropoceno. A relação entre as materialidades da cultura digital e a crise ambiental global revela a complexidade e interconectividade do mundo contemporâneo através de erros, falhas e perturbações. Trata-se de um problema de comunicação, de não conseguir falar bem respeitando condições de felicidade de modos de existência específicos. Falhamos nesse falar, traficando verdades de um modo a outro, agravando a crise, limitando o reconhecimento de possibilidades de construção de mundos. Argumenta-se que a crise do Antropoceno é consequência do progresso técnico e da visão antropocêntrica que posiciona o ser humano como o único agente legítimo de transformação. Desde a Revolução Industrial, a invisibilidade dos dispositivos técnicos, pela sua funcionalidade, tem neutralizado as anomalias, contribuindo para a crise climática. Diante disso, é crucial trazer os problemas à tona, reconhecer a pluralidade de seres e os entrelaçamentos em que estamos imersos, sem recorrer a essencialismos ou narrativas simplificadoras. Falhar em falar bem é, portanto, sintoma de uma comunicação incapaz de reconhecer a pluralidade de seres e seus modos de existência. Na condição sempre precária da comunicação, falar bem pode ser uma saída para evitar a ruína planetária no Antropoceno.

Palavras-chave: Antropoceno; cultura digital; comunicação; precariedade; falhar.

¹ Parte desse artigo foi apresentado primeiro no VI Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais em maio de 2024 – UFSM-USP, publicado em um curto artigo na revista *Hermes* (Lemos, 2024d). Aqui desenvolvo o tema com mais profundamente e ampliado como apresentado em junho de 2024 no evento *Ecossemiótica das Amazônias* no contexto da crise climática, PUC-SP.

Essa pesquisa faz parte do projeto “Erros, Falhas e Perturbações na Cultura Digital”, CNPQ – Processo: 306100/2023-1.

² André Lemos é Escritor e Professor Titular do Departamento de Comunicação e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas da Faculdade de Comunicação da UFBA. Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas (Facom-UFBA). Professor colaborador do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFRB e do Programa de Pós-Graduação em Tecnologias da Inteligência e Desing Digital (TIDD-PUC-SP). Membro Titular da Academia de Ciências da Bahia. Diretor do Lab404 – Laboratório de Pesquisa em Mídia Digital, Redes e Espaço, pesquisador “1 A” do CNPq. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9291-6494>. E-mail: almlemos@gmail.com.

On failure: Digital culture, precariousness, and the Anthropocene

Abstract: The article explores the precariousness of communication and technological ruin in the Anthropocene era. The relationship between the materialities of digital culture and the global environmental crisis reveals the complexity and interconnectedness of the contemporary world through errors, failures, and disruptions. It addresses a communication problem: the inability to speak well while respecting the felicity conditions of specific modes of existence. We fail in this speaking, trafficking truths from one mode to another, exacerbating the crisis and limiting the recognition of possibilities for world-building. The argument is made that the Anthropocene crisis results from technical progress and the anthropocentric view that positions humans as the sole legitimate agents of transformation. Since the Industrial Revolution, the invisibility of technical devices, due to their functionality, has neutralized anomalies, contributing to the climate crisis. It is crucial to bring these problems to the surface, acknowledge the plurality of beings, and recognize the entanglements we are immersed in without resorting to essentialisms or oversimplified narratives. Failing to speak well is a symptom of an inherent communication incapable of recognizing the plurality of beings and their modes of existence. In the ever-precarious communication condition, speaking well may offer a pathway to avoid planetary ruin in the Anthropocene.

Keywords: Anthropocene; digital culture; communication; precariousness; failure.

Comunicação precária

A comunicação humana resulta de processos frequentemente erráticos e falíveis. Ela é sempre precária. Essa condição pode ser entendida por suas dimensões erráticas, de falhas intrínsecas e externas e por perturbações gerais produzidas nas diversas mediações sociotécnicas. É difícil que uma mensagem atinja os receptores, que receptores e emissários consigam “entrar na orquestra” (Bateson) (Bougnoux, 1999). É impossível, para qualquer sistema técnico-comunicacional, transmitir informação sem degradação. Em outras palavras, a precariedade é intrínseca a todo e qualquer processo comunicacional. Esses obstáculos existem mesmo quando os sistemas técnicos aparentam estar funcionando corretamente, revelando que a incomunicabilidade não é a ausência de comunicação, mas sua condição essencial. Tal abordagem enfatiza a importância de adotar uma postura epistemológica que aceite a precariedade, em vez de buscar uma condição idealizada de perfeição técnico-comunicacional.

Reconhecendo a precariedade de todo ato comunicativo, o sociólogo Niklas Luhmann (2006) afirma que a comunicação é “improvável”, pois sua efetivação depende de condições específicas e raras, dadas as dificuldades inerentes ao compartilhamento intersubjetivo de ideias e às limitações técnicas. Aqui a comunicação só acontece quando supera sua precariedade. Talvez, mais interessante seja entender essa condição como intrínseca aos processos comunicacionais, reconhecendo a comunicação no precário. Como sugere Winfred Nöth, embora sempre falha e imperfeita, a comunicação se concretiza constantemente (Nöth, 2023, p. 15). A comunicação não acontece apenas quando se realiza sem entraves, erros, falhas ou perturbações.

Imperfeição e precariedade são fundantes e constitutivas. Entretanto, este reconhecimento não é novidade nos estudos de comunicação. A hipótese aqui sugerida tem implicações maiores: não há comunicação sem erros, falhas e perturbações, e são elas que nos permitem compreender as redes que se originam desses processos, pois revelam, em toda a sua complexidade, os entrelaçamentos aos quais estamos vinculados. Quando tudo funciona, os atores e as agências ficam escondidos. Essa invisibilidade, esse “esquecimento”, é uma das causas do atual estado climático no Antropoceno¹. Vinculamos aqui, Antropoceno e precariedade da comunicação.

Na história das teorias da comunicação, várias correntes atentam para o fracasso, embora nem sempre as descreva nesse termo. É inte-

¹ Embora o termo esteja em disputa, vamos adotá-lo como significando o regime de crise climática que testemunhamos hoje no planeta (degelo, aquecimento, perda da biodiversidade...).

ressante notar a luta de alguns teóricos em buscar instituir um “campo da comunicação”, unificado, delineando claramente seus objetos, teorias, métodos e temas. Mas unificado é tudo o que ele não é, caracterizando-se como errático, desviante, sem origem única, vivendo no êxodo e das influências de outros “campos”, como a antropologia, a sociologia, a filosofia, a história, a psicologia... Campos eles próprios também problemáticos. O que entendemos por “campo da comunicação social” é uma construção contaminada por diversas teorias e não um domínio unificado.

Nas suas teorias, que surgem no início do século XX, temos, por exemplo, a cibernética e a teoria matemática da informação, propostas por Wiener, Shannon e Weaver tratando o erro como um elemento constitutivo da informação, destacando a entropia e o ruído nas trocas de mensagens. A teoria crítica da Escola de Frankfurt denuncia, por sua vez, os impactos da padronização cultural, resultantes de uma racionalidade instrumental e industrial, que produzem falhas e perturbações no fluxo da comunicação e da cultura. Já os estudos culturais revelam estratégias de apropriação e resistência nos interstícios do sistema midiático indicando, nas “brechas” dos processos comunicativos, o sentido das relações constituídas. A “teoria da mídia alemã” explora as materialidades e, consequentemente, os desvios inerentes ao processo comunicacional, no qual o conteúdo das mensagens é afetado pela constituição material dos meios. A Escola de Toronto investiga a influência das infraestruturas e das mediações na constituição da comunicação social (Innis, 1950; McLuhan, 1969). E nos anos 1990, os estudos iniciais da cibercultura destacam a dimensão perturbadora dos *glitches*, *hackings* e outras dimensões erráticas no ciberespaço. Não se pretende ser exaustivo ou detalhista nessa exposição, mas indicar que teorias do campo reconhecem a precariedade da comunicação.

Essa herança teórica se manifesta nos erros, falhas e perturbações da cultura digital contemporânea, como alucinações em sistemas de inteligência artificial, vulnerabilidades em infraestruturas, ciberataques (*malware*, *ransomware*), desinformação, impactos sociais, culturais globais, precariedade no trabalho, vieses algorítmicos, vigilância e ameaças à vida privada, entre outros (Lemos, 2023, 2024a, 2024b). Uma das perturbações centrais da cultura digital, com o uso intensivo de matéria-prima para confecção dos dispositivos, de energia e água para alimentar *data centers* para o funcionamento da internet e os modelos de IA, é o impacto ambiental (Cubitt, 2017; Gabrys, 2011; Hogan, 2015; Latour, 2013, 2018; Parikka, 2015; van Dijck *et al.*, 2018). Ou seja, as materialidades do digi-

tal. Isso faz parte da precariedade da comunicação. Reconhecê-la torna-se uma tarefa epistemológica e ética crucial (Amoore, 2020) para lidar com suas implicações planetárias da emergência do Antropoceno.

Antropoceno

O conceito de Antropoceno define a atual era geológica caracterizada pelo impacto significativo das atividades humanas na Terra, alterando características geofísicas em uma escala global. O termo foi popularizado em 2000 pelo químico Paul Crutzen, sendo originalmente proposto na década de 1980 por Eugene Stoemer (Bonneuil; Frescoz, 2016; Moore, 2016; Wirth, 2022). Embora o conceito esteja em disputa, é amplamente utilizado para descrever as transformações profundas que resultam da industrialização, como as mudanças climáticas, a perda da biodiversidade, o desmatamento e a urbanização (Steffen *et al.*, 2011).

Para o que nos interessa aqui, essa nova era geológica tem no humano um agente fundamental e, portanto, está intimamente ligada às perturbações nos sistemas técnico-econômicos em progresso acelerado desde a revolução industrial, culminando com a atual cultura digital marcada pela plataformização, dataficação e performatividade algorítmicas, PDPA (Lemos, 2020). A nova fase do capitalismo, o capitalismo de dados (Zuboff, 2018), contribui para a crise do Antropoceno. Dados mostram que para fazer funcionar equipamentos e estruturas digitais gera-se perturbações como o intensivo uso de energia e de recursos da natureza. Uma única busca no Google consome a mesma quantidade de energia para manter uma lâmpada de 60w acesa por 15 segundos. Até 2030, os *data centers* podem consumir 4,1% da eletricidade global (Cubitt, 2017). Segundo Brevini (2024), a computação em nuvem consome energia a uma taxa localizável entre o consumo nacional do Japão ou da Índia.

O atual desenvolvimento da inteligência artificial (IA) tem agravado essa situação. Há perturbações em vários níveis, desde o trabalho precário até o deslocamento de postos de trabalho. A IA envolve processamento de dados, infraestrutura, trabalho humano e extração de minerais. No que se refere ao impacto ambiental, uma única interação com o ChatGPT é comparável a descartar um litro de água. Estima-se que apenas para a criação do GPT-3 (175 bilhões de parâmetros), sem contar o uso, consumiu 1.287 megawatts-hora de eletricidade e gerou 552 toneladas de dióxido de carbono equivalente. Isso é o mesmo consumo e poluição do uso de 123 veículos de passageiros movidos a gasolina usados por um ano (Lemos, 2024c). Grandes empresas estão planejando usar energia nuclear para desenvolver modelos de IA (Lemos, 2024).

Reconhecer essas perturbações é uma forma de apontar para questões de interesse que emergem de uma “assembleia” (conjunto de agentes em uma rede agenciando todo o processo) mais ampla do que a simples polarização entre sujeito e objeto técnico. Os desafios éticos, morais, econômicos, comportamentais e ambientais emergem da precariedade tecnológica que se manifesta nos problemas gerados pelas infraestruturas digitais e procedimentos de dataficação na atual PDPA. A precariedade da cultura digital não é uma exceção, mas um estado permanente, sustentado por modelos de negócios baseados na inovação contínua (“falhar rápido e logo” é o lema da Silicon Valley) e na obsolescência programada, que anestesia o consumidor que aceita passivamente *lags*, *bugs*, *crashes*, *alucinações*... (Appadurai; Alexander, 2020).

Reconhecer a precariedade da cultura digital como estruturante permite encarar, material e discursivamente, a vida social e os dilemas da comunicação, já que não regidos apenas pela tão propalada eficácia, produtividade e otimização de tecnologias desmaterializadas. Quando performam bem, os objetos infocomunicacionais se escondem na instrumentalidade e reforçam paradigmas e visões de mundo, fazendo com que eles se tornem invisíveis. Quando falham, erram ou produzem perturbação (anomalias para Parikka, 2009) eles revelam a rede à qual estamos envolvidos. Portanto, trazer a precariedade para frente da cena, com uma pluralidade de seres silenciados, nos permitirá reconhecer os entrelaçamentos aos quais estamos envolvidos sem cair em essencialismos que alimentam os sonhos de progresso e modernização. Não ser refém dessa temporalidade nos permite notar novas dinâmicas e desestabilizações, possibilitando tratar os problemas do digital não como pequenos desvios, mas como ruína. Como diz Anna Tsing (2022): “apenas o reconhecimento da precariedade atual como uma condição planetária nos permite perceber a situação do nosso mundo”(p. 44). Ou, como propõe Haraway (2016, p. 1), ficar com o problema é enfrenta-lo para resgatar o comum:

Nossa tarefa é criar problemas, estimular uma resposta potente a eventos devastadores (...). Na verdade, ficar com o problema requer aprender a estar verdadeiramente presente, não como um pivô evanescente entre passados terríveis ou edênicos e futuros apocalípticos ou salvacionistas, mas como criaturas mortais entrelaçadas em uma miríade de configurações inacabadas de lugares, tempos, assuntos, significados.

Aceitar o mundo e a comunicação precários significa olhar para essas perturbações e destacá-las como operador epistemológico e metodológico privilegiado para entender as dimensões ético-políticas de uma

variedade ampla de práticas contemporâneas ligadas à cultura digital (Korolkova; Bowes, 2020; Lemos, 2023; Lemos 2024). Enfrentar esse desafio impõe uma epistemologia que leve em conta os agenciamentos múltiplos e evite o erro do antropocentrismo. Por exemplo, Velkova (2023) aponta para a transitoriedade dos *data centers* a partir do que chama de *ruination*. Ela mostra bunkers da Segunda Guerra nos países nórdicos sendo reutilizados como *data centers* e depois estes sendo abandonados devido a dinâmica de aceleração da dataficação. Rapidamente tornam-se obsoletos. Pela obsolescência revela-se as materialidades da *cloud*.

Um caso interessante em relação a *data centers* e infraestrutura no Brasil é a tensão entre a implementação de uma usina de dessalinização de água do mar e de *data centers* instalados na praia do futuro em Fortaleza, de onde partem 17 cabos submarinos de fibra ótica interligando o país ao mundo. A TelComp, entidade que reúne operadoras de telecomunicação e opera o sistema, diz que as obras do projeto de dessalinização (da CAGECE) trazem risco à integridade dos cabos e a operação da usina limitando a classificação de segurança dos *data centers* locais. Temos aqui um embate interessante entre plataformas de infraestrutura básica (água), colocando em conflito as materialidades do digital (*cloud* e conexão). Água e *bits* entrelaçados em um problema que, talvez no futuro, tenhamos que enfrentar com falha ou ruína.

A discussão sobre o Antropoceno deve incluir a cultura digital. Deve-se levar em conta a precariedade como estruturante e inerente às práticas contemporâneas. A invisibilidade dos dispositivos técnicos, seja pelo funcionamento, seja pela sua suposta desmaterialização, leva a uma neutralização das anomalias. É essencial trazer essas questões para o centro do debate, reconhecendo os entrelaçamentos que compõem nosso mundo, sem recorrer a essencialismos. A cultura digital, com suas falhas, erros, perturbações, pode ser vista como um ator importante na crise do Antropoceno, não apenas por seu impacto material, mas por resultar de uma postura que desconsidera as condições de habitabilidade e de comunicação entre diferentes “modos de existência” (Latour, 2013) no mundo, insistindo em um falar que falha. Tsing nos desafia a repensar a relação entre humanidade e ruína, questionando: “O que você faz quando seu mundo começa a ruir?” (Tsing, 2022, p. 39).

Fal(h)ar bem

A ruína do planeta é consequência da visão antropocêntrica que considera o ser humano como agente central da transformação do mundo. É preciso formular o problema, falar bem a partir das condições de felicidades de diferentes modos de existência. Como destacam muitos autores (Latour, 2013; Barad, 2007; Bennett, 2010; Braidotti, 2010; Haraway, 2016; Tsing, 2022), o fazer-mundo não é exclusivo dos humanos, pois somos cercados por processos interligados a diversas entidades vivas e não vivas que transformam o planeta. Tsing afirma:

fazer mundo não se limita aos humanos. [...] estamos cercados de muitos processos de fazer-mundo, humano e não humanos. Esses projetos de fazer-mundos surgem de atividades práticas do fazer da vida; no processo, eles transformam nosso planeta. Para percebê-los, à sombra do antropo – Antropoceno, precisamos redirecionar nossa atenção. (Tsing, 2022, p. 66)

Reconhecer a precariedade da comunicação digital e a crise do Antropoceno nos leva a repensar as atuais formas de construir mundos e a “aterrar” (Latour, 2018), a fim de encarar de frente os problemas (Haraway, 2016). Esse reconhecimento implica na superação necessária do projeto moderno que toma o planeta como um “recurso natural” disponível e inesgotável, ao livre dispor da manipulação humana. Hoje, apesar do negacionismo e de projetos delirantes dos modernos, ainda buscando escapar do aterramento (insistindo em metaversos, viagens espaciais e continuidade do uso de outros seres), percebemos as consequências das ações humanas na Terra. A questão central emerge: como redirecionar nossa atenção e criar modos de existência que evitem a ruína planetária?

Latour (2013), em sua *Investigação sobre os Modos de Existência*, sugere que a solução para evitar o colapso da modernidade passa pela construção de uma diplomacia que reconheça múltiplas formas de existir e falar. Essa perspectiva nos coloca dentro dos problemas do campo da comunicação e de sua precariedade. O *Investigação* pode ser lido, assim, como um tratado de teoria da comunicação. Latour propõe abandonar uma visão exclusivamente antropocêntrica e cientificista (não o abandono da ciência), respeitando modos de existência que transcendam a visão ocidental. Esse reconhecimento de múltiplas formas de vida nos desafia a construir novas coletividades e a desenvolver uma comunicação que respeite a diversidade ontológica. Respeitar modos de existência é deixar de lado perspectivas antropocêntricas, reconhecer não a “Terra dos humanos”, mas os homens em relação com outros não humanos, na Terra. Falar bem,

consequentemente, é reconhecer um mundo no qual seres devem passar por outros para existir, de maneiras diversas e em diferentes condições de felicidade. Essa mediação é comunicação.

Importante sustentar abordagens teóricas relevantes que nos ajudem a enfrentar epistemologias antropocêntricas e salvacionistas, reforçando as mediações simbólicas e comunicacionais entre seres humanos e não humanos. Essas perspectivas reconhecem, como explica Latour, que os diversos seres e modos de existência dependem uns dos outros e que existir é sempre passar por outros, é estar “entrelaçado”. Reconhecer modos de existência passa pela aceitação das condições de felicidade de cada modo que nos ajudaria a sair do antropocentrismo destrutivo do Antropoceno. Aceitar condições de felicidade de modos de existência pressupõe “falar bem”, que é não traficar a verdade de um modo para outro, não fazer com que o valor em uma rede seja imposto a valores de outras (por exemplo o discurso da ciência sobre jurídico, o da técnica sobre o religioso, este sobre o da metamorfose...). Falar bem é respeitar uma diversidade ontológica de modo a garantir e reimaginar a habitabilidade da Terra. Temos muitos mundos, múltiplas cosmologias, mas um só planeta. Passamos de uma cosmologia moderna do universo infinito para uma Terra sem espaço para todos, se continuarmos sem repensar as condições de vida e a existência dos seres vivos. Urge, em plena crise do Antropoceno, falar bem para encontrar formas de construir a coletividade e manter a vida no planeta, considerando a Terra como um ser vivo, sustentada pelos seres que a habitam.

Em *Escute as Feras*, a antropóloga Natassja Martin (2021) descreve seu encontro transformador com um urso nas montanhas da Sibéria, revelando o colapso das fronteiras entre cultura e natureza, sugerindo que manter a comunicação com “aquilo que virá” é fundamental para transformar as relações entre mundos. A unidade é um engodo. Como escreve Martin:

Compreendi algo importante hoje. Curar-me desse combate não é somente um gesto de metamorfose autocentrada. É um gesto político. Meu corpo se tornou um território onde cirurgias ocidentais dialogam com ursos siberianos. (...). Nosso trabalho, o dela, o meu, e o dessa coisa indefinível que o urso depositou no fundo do meu corpo, consiste, de agora em diante, em “manter a comunicação”. Digo que permanecer viva tanto diante do urso quanto diante “daquilo que virá” neste mundo é aceitar a retomada na forma de uma transformação estrutural. A unicidade que nos fascina aparece enfim como aquilo que ela é: um engodo. A forma se reconstrói segundo um esquema que lhe é próprio, mas com elementos que são, todos eles, exógenos. (Martin, 2021, p. 55)

Podemos ilustrar ainda esse desafio de “falar bem” pelo caso das antenas Starlink no território dos Marubo, discutido por Jack Nicas (2024) no *New York Times*. A chegada da internet via satélite representa uma nova infraestrutura que afeta as formas tradicionais de sociabilidade dessa comunidade indígena. Embora a internet proporcione autonomia, auxílio em emergências em saúde e conexão global, ela também impõe novas práticas e hábitos que podem impactar as tradições e relações sociais dos Marubo sem que haja um exercício de “tradução” que não seja impositivo das gramáticas das plataformas (ou seja, a agência das materialidades, das interfaces e das práticas dos serviços que impõem suas “gramáticas”). Como o pensamento dos “povos da terra” pode contaminar as agências das plataformas e inteligências artificiais? A questão não é criar uma redoma, mas de achar a tradução bidirecional em uma condição de falar bem sem falhar: usar a infraestrutura de forma autônoma e respeitosa, sem transformar a tecnologia em um veículo de imposição cultural (Santalla; Cruz, 2024).

Uma fala que falha não identifica os seres em sua condição de subsistência e de contaminação, não respeita as particularidades dos modos de existência e impõe a verdade de um sobre outro. A modernidade falhou nesse grande problema de comunicação, como bem apontou Latour no *Investigações*. Estamos envolvidos em um grande problema de comunicação, pois os tráficos de verdade de um modo sobre outro acontecem o tempo todo inibindo o reconhecimento do entrelaçamento das existências. “Falar bem” envolve não apenas eloquência, mas uma diplomacia que respeite os modos de existência. Não há “a” verdade, mas múltiplas verdades que se sustentam nas condições de felicidade de cada modo. E falar bem pressupõe estar atento a isso, mesmo sabendo que haverá percalços e intermediárias formas de falhar. A comunicação precária não deve nos desesperar pois, como propõe Beckett, trata-se de insistir, de falhar sempre, falhar de novo, de falhar melhor. Encarar o problema de frente, como quer Haraway, sem ilusões de uma comunicação plena, institui a busca pelo respeito aos modos de existência e a criação de novas condições de habitabilidade. Sem isso, sem essa insistência na falha, não haverá saída do Antropoceno.

O objetivo é não desistir, pois a falha é inerente à comunicação precária. Importante é reconhecer a falibilidade da modernidade e buscar novas formas de coexistência em meio à crise climática. A habitabilidade, nesse contexto, deve ser entendida não apenas como ocupação de um território, mas como a interdependência entre seres e coisas para que possam existir. Territorialidade é exatamente isso: o inventário das coisas

que precisamos para existir. Como sempre estamos imersos na precariedade da comunicação, parece ser de bom alvitre adotar uma perspectiva de colaboração que reconheça a contaminação entre diferentes seres e modos de fazer-mundo como uma forma de colaboração. Contaminar é *contaminare*, misturar, alterar. Alterar para trabalhar juntos, colaborar. Como afirma Tsing,

Contaminação é uma possível resposta. Somos contaminados por nossos encontros; eles transformam o que somos na medida em que abrimos espaço para os outros. Ao mesmo tempo em que a contaminação transforma projetos de criação de mundos, outros mundos compartilhados – e novas direções – podem surgir. Todos nós carregamos uma história de contaminação; a pureza não é uma opção. (Tsing, 2022, p. 73)

Conclusão

A análise da precariedade da comunicação digital e dessa ruína tecnológica no contexto do Antropoceno revela a necessidade urgente de repensar nossas relações com a técnica, o ambiente e as múltiplas formas de existência a partir de transformações da espécie. Como afirma Santaella (2022), “não deveria haver dúvidas que o *Sapiens* está atravessando seu sétimo pico cognitivo, carregando consigo o enorme alargamento de suas contradições, paradoxos e ambivalências” (p. 304). A questão é: como enfrentar essa dimensão errática da contradição, dos paradoxos e da ambivalência? Certamente não é pela espera do surgimento de uma “comunicação plena”. O enfrentamento deve ocorrer dentro do contexto da comunicação precária.

A interconectividade entre cultura digital e a crise ambiental expõe o papel central da tecnologia na perpetuação de um paradigma antropocêntrico que tem silenciado outras vozes e modos de fazer-mundo. Reconhecer essa precariedade não implica apenas destacar erros, falhas e perturbações, mas também adotar uma postura epistemológica e ética que valorize a pluralidade e a coexistência. Para enfrentar a crise planetária, é essencial criar formas de falar bem que não falhem no reconhecimento de novas maneiras de existir.

O desafio é grande, pois exige uma redefinição das bases políticas e culturais que sustentam a lógica dominante, substituindo a obsessão pelo controle e pela eficiência pelo reconhecimento da complexidade e da interdependência de todos os seres. Só assim será possível construir coletividades capazes de responder de forma potente e solidária aos even-

tos devastadores da atualidade, promovendo a sustentabilidade e a convivência em um planeta em transformação. Como sair dessa encruzilhada? Hoje, neste mundo em ruínas, precisamos identificar as formas da comunicação precária para evitar fal(h)ar mal buscando a pureza que leva à ruína. Fal(h)ar mais, fal(h)ar sempre, fal(h)ar melhor. Nessa afasia, como poderemos refazer um mundo em ruínas?

Referências

- AMORE, Louise. *Cloud ethics: algorithms and the attributes of ourselves and others*. Durham, NC: Duke University Press, 2020.
- APPADURAI, Arjun; ALEXANDER, Neta. *Failure*. Cambridge: Polity Press, 2000.
- BARAD, Karen. *Meeting the universe halfway*. Durham, NC: Duke University Press.
- BENNETT, Jane. *Vibrant matter: A political ecology of things*. Durham, NC: Duke University Press, 2010.
- BONNEUIL, Christophe; FRESSOZ, Jean-Baptiste. *The shock of the anthropocene: The earth, history, and us*. London: Verso, 2016.
- BOUGNOUX, Daniel. *Introdução às ciências da comunicação*, trad. Maria Leonor Loureiro. Caxias do Sul: Edusc, 1999.
- BRAIDOTTI, Rosi. *The posthuman*. Cambridge: Polity Press, 2013.
- BREVINI, Benedetta. Inteligência artificial, soluções artificiais: Colocando a emergência climática no centro dos desenvolvimentos de IA. *Mídia e cotidiano*, v. 18, n. 2, maio-ago. 2024.
- COOLE, Diana; FROST, Samantha (eds.). *New materialisms, ontology, agency, and politics*. Durham, NC: Duke University Press, 2010.
- CUBITT, Sean. *Finite media: Environmental implications of digital technologies*. Durham, NC: Duke University Press, 2017.
- DIJCK, José van; POELL, Thomas; DE WAAL, Martijn. *The Platform Society*. Oxford: Oxford University Press, 2018.
- GABRYS, Jennifer. *Digital rubbish: A natural history of electronics*. Ann Arbor, MI: University of Michigan Press, 2011. (Também: <https://doi.org/10.3998/dcbooks.9380304.0001.001>.)
- HARAWAY, Donna. *Staying with the trouble: Making kin in the Chthulucene*. Durham, NC: Duke University Press, 2016.
- HOGAN, M. 2015. Data flows and water woes: The Utah Data Center. *Big Data & Society*, v. 2, n. 2. (<https://doi.org/10.1177/2053951715592429>).

INNIS, Harol Adams. *Empire and communications*. Toronto: University of Toronto Press, 1950.

KOROLKOVA, Maria; BOWES, Simon. Mistake as method: Towards an epistemology of errors: Creative practice and research. *European Journal of Media Studies*, v. 9, n. 2, p. 139–157, 2020.

LATOUR, Bruno. *An inquiry into modes of existence: An anthropology of the moderns*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2013.

LATOUR, Bruno. *Down to earth: Politics in the new climatic regime*. Cambridge: Polity Press, 2018.

LEMOIS, André. Plataformas, dataficação e performatividade algorítmica (Pdpa): Desafios atuais da cibercultura. In: Prata, Nair; Pessoa, Sonia C. (orgs.). *Fluxos comunicacionais e crise da democracia*. São Paulo: Intercom, 2020, p. 117-126.

LEMOIS, André. *A tecnologia é um vírus*. Rio Grande do Sul: Sulina, 2021.

LEMOIS, André. Errores en la cultura digital. In: CARLON, Mario (org.). *Lo Contemporáneo: Indagaciones sobre el cambio de época en/desde América Latina*. Buenos Aires: Universidad de Buenos Aires, 2023, p. 65-90.

LEMOIS, André. Fake news as digital disruption: Unravelling algorithmic logic in the spread of disinformation. In: GONÇALVES, Adriana; TORRE, Luísa; MELO, Paulo V. (orgs.). *Inteligência artificial e algoritmos: Desafios e oportunidades para os media*. Covilhã: Labcom, 2024a, p. 69-82.

LEMOIS, André. Erros, falhas e perturbações digitais em alucinações das ia generativas: Tipologia, premissas e epistemologia da comunicação. *Matrizes*, v.18, n. 1, jan./abr. 2024b, p. 75-91.

LEMOIS, André. Artificial intelligence's staging. *Sociétés* (Bruxelles), 2024c, n. 163, p. 25-39.

LEMOIS, André. A comunicação precária. In: SILVA, Juremir Machado de; CHIACHIRI, Roberto; DWYER, Tom; WOLTON, Dominique. *Hermès Brasil: Brasil, do país do futuro às incomunicações do presente*. Paris: CNRS Éditions / Porto Alegre, Sulina. 2024d, p. 69-80.

LEMOIS, André. IA atômica. André's Newsletter: Cibercultura, Tecnologia, Comunicação e Cultura. 26 out. 2024e. [Disponível em: https://andrelemos.substack.com/p/ia-atomica](https://andrelemos.substack.com/p/ia-atomica).

LEMOIS, André; BITENCOURT, Elias; DOS SANTOS, João Guilherme Bastos. Fake news as fake politics: The digital materialities of YouTube misinformation videos about Brazilian oil spill catastrophe. *Media, Culture & Society*, Thousand Oaks, CA, v. 43, n. 5, 2021, p. 886–905.

LUHMANN, Niklas. *A improbabilidade da comunicação*. In. Luhmann, N. *A improbabilidade da comunicação*. trad. A. Carvalho. Belo Horizonte: Vega, 1992, pp. 39-59. (Obra original publicada em 1981.)

MCLUHAN, Marshall. *Os meios de comunicação como extensões do homem*, trad. Décio Pignatari. São Paulo: Cultrix, 1969.

MARTIN, Nastassja. *Escute as feras*. São Paulo: Editora 34, 2021.

MOORE, Jason W. *Anthropocene or capitalocene?* Nature, history, and the crisis of capitalism. Oakland, CA: PM Press, 2016.

NICAS, Jack. *A última fronteira da internet*: aldeias remotas da Amazônia A Starlink de Elon Musk conectou uma aldeia isolada ao mundo exterior — e a dividiu. New York Times 19 julho 2024. Também: <https://www.nytimes.com/pt/2024/07/19/world/americas/a-ultima-fronteira-da-internet-aldeias-remotas-da-amazonia.html>.

NÖTH, Winfried. O paradoxo semiótico da improbabilidade da comunicação. *Matrizes*, São Paulo, v. 17, n. 2, 2023, p. 11-23.

PARIKKA, Jussi. *The Spam book*: On viruses, porn, and other anomalies from the dark side of digital culture. Cresskill, NJ: Hampton Press, 2009.

PARIKKA, Jussi. *A geology of media*. Minneapolis, MN: University of Minnesota Press, 2015.

SANTAELLA, Lucia. *O neo-humano*: A sétima revolução cognitiva do sapiens. São Paulo: Paulus, 2022.

SANTAELLA, Lucia; CRUZ, Kalynka. *Amazônia digital*. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2024.

STEFFEN, Willi; GRINEVALD, J.; CRUTZEN, Paul J.; MCNEILL, John R. The anthropocene: Conceptual and historical perspectives. *Philosophical Transactions of the Royal Society A: Mathematical, Physical and Engineering Sciences*, v. 369(1938), 2011, p. 842–867.

TSING, Anna. *O cogumelo no fim do mundo*. Tradução: Jorgge Menna Barreto e Yudi Rafael. São Paulo: N-1 Edições, 2022.

VELKOVA, Julia. Retrofitting and ruining: Bunkered data centers in and out of time. *New Media & Society*, v. 25, n. 2, 2023, p. 431–448.

WIRTH, Jason M. Who is the anthropos in the anthropocene? *The Anthropocene Review*, 2022, 205301962210888.

ZUBOFF, Shoshana. *The age of surveillance capitalism*: The fight for a human future at the new frontier of power. New York: PublicAffairs, 2019.